

ARMANDO SIMÕES, membro da empresa Hovione

"É uma empresa onde é muito

JORNAL DE LOURES - Quando é que começou a trabalhar na Hovione?

ARMANDO SIMÕES - Em Junho de 1960.

P - Na altura, que desafios é que se impunham?

R - Na altura foi o emprego. Tinha 17 anos, trabalhava num ramo diferente, numa casa de desporto e queria melhorar a vida. Tive uma oportunidade e vim. Era uma empresa que era constituída pelo engenheiro Villax e eu era o que fazia as voltas, ia aos bancos e fazia o trabalho de escritório e o que era necessário.

Fiz um período experimental. Tirei férias no sítio onde estava e fiz um período experimental de 15 dias para ver se servia. E serviu, pelo que começou uma excelente relação a partir daí.

P - A partir de que momento é que viu que isto seria mais do que um emprego?

R - Apesar de ser muito novo, rapidamente percebi que estava a tratar com pessoas de um nível superior. E comecei a ouvir projectos e ideias, a ouvir as pessoas a dizer "daqui a dez anos vamos ser uma empresa grande". Depois comecei a observar as pessoas a trabalhar, uma enorme capacidade de trabalho, uma enorme exigência, uma qualidade acima do normal. E comecei a acreditar, porque nestas coisas não basta mandar uma mensagem, temos que fazer os outros acreditar. Eu comecei a ver coisas a acontecer.

Vimos para Loures em 1969, mas eu entretanto tive coisas muito interessantes. O senhor Villax proporcionou-me que eu fosse um mês para Cambridge para estudar inglês, depois começámos a fazer os planos para a fábrica (o pedido de licenciamento, a parte de construção da fábrica), começámos a vir aqui a Loures e as coisas começaram a aparecer.

P - A fábrica nasceu da paixão que o fundador tinha pela química...

R - Ele foi capaz de transmitir essa paixão pela ideia, pelo relacionamento. Eu sempre gostei de trabalhar e havia paixão.

P - Como é que foi a transição de um espaço mais limitado para aqui?

R - As coisas foram rolando, daí que não tenha havido uma transição muito brusca. Houve uma primeira transição que foi vir de um espaço onde éramos seis ou sete



Armando Simões é o funcionário mais antigo da Hovione. Uma empresa sediada no concelho de Loures e cuja fundação e evolução acompanhou, assistindo a cada sucesso. Actualmente, Armando Simões está aposentado, mas desloca-se à fábrica muitas vezes. Afinal, está ligada a ela desde os dezassete anos.

CÁTIA GODINHO

num escritório, e depois havia um laboratório numa cave onde eles moravam e onde havia um reactor. Depois vimos para aqui e éramos mais de 20. Aí houve uma transição, na medida em que vímos para um espaço diferente, onde o edifício já estava preparado para uma evolução.

A partir daí, o que houve foi uma constante evolução. Depois houve um outro momento, em que eu comecei a aperceber-me de coisas importantes. Uma delas é a importância que há no facto das pessoas que trabalham na empresa perceberem a empresa e saberem que ela está a evoluir e elas próprias saberem evoluir e acompanhar a empresa. Felizmente foram-me dados desafios e eu sabia o esforço que tinha que fazer para acompanhar esses desafios e para

corresponder, com aquela paixão.

Muito mais tarde, já nos anos 90, a mudança foi diferente, porque a empresa já tinha atingido um nível elevado e já estava a exigir outro patamar, o que coincidiu com a entrada da segunda geração dos Villax e aí a empresa começou a transformar-se, a actualizar. Houve coisas nesta empresa que sempre foram diferentes.

Em primeiro lugar, é uma empresa de conhecimento. Não é uma empresa do comprar e do vender, mas do fazer de novo com ideias novas e vender no exterior.

Ir procurar a vida no exterior é uma coisa completamente diferente e depois adaptarmo-nos ao exterior, a vários países. Por outro lado, este turbilhão que é estar na primeira linha, poder competir com os melhores, criou

uma mentalidade interessante, pelo que para mim foi uma experiência extraordinária.

Não tendo uma formação académica, foi uma experiência interessante.

Compreendo hoje a necessidade que este país tem em incentivar o conhecimento, porque sei qual a importância que o conhecimento teve nesta empresa, o querer saber mais, querer inovar e para isso é preciso cabeça. E há muitas cabeças boas dentro desta empresa. Nós somos capazes.

Porque é que nunca houve greves nesta casa? Por uma razão muito simples. Sempre houve uma grande preocupação de uma grande exigência, por um lado, e de uma retribuição e reconhecimento por outro.

Se não fizerem o reconhecimen-

to às pessoas, elas não se motivam. Por isso nunca houve greve nesta empresa.

As pessoas têm dificuldade em perceber que há um contracto entre as pessoas e as empresas e que elas têm que acompanhar a evolução delas. Hoje eu não faço as funções que fazia antes, porque há pessoas mais competentes e bem preparadas, com visões mais recentes e estão a desempenhar as suas funções bem.

Eu hoje estou a fazer aquilo que consigo fazer bem, que é falar com as pessoas, contar a história da Hovione, interagir com os jovens... coisas que também são úteis à empresa.

P - Considera que se existissem mais empresas viradas para a investigação seria evitada uma fuga de cérebros?

R - Sem dúvida. Estou agora a ter uma experiência interessante. Nós somos sócios de uma empresa, que está agora a ter uma iniciativa muito interessante que é tentar ensinar aos jovens cientistas portugueses como é que podem avaliar uma ideia e transformá-la num negócio. Tem sido uma experiência muito interessante.

Eles também têm que ter iniciativa própria. Não devem estar à espera de empresas que já existem, mas eles próprios criarem-nas.

P - Na passada semana, a Hovione proporcionou uma visita aos melhores alunos de química às instalações da fábrica. É uma forma de ultrapassar alguns constrangimentos da química?

R - Não é preciso coisas muito complicadas. Coisas muito simples e nada dispendiosas.

É dizer às escolas "nós reconhecemos o vosso trabalho. Agora venham ver como foi o nosso percurso e venham ver o que nós somos".

A responsabilidade social das empresas não é só dar dinheiro. É participar em muitas coisas, como esta, e incentivar as pessoas.

Um outro aspecto pertence ao Estado. Porque é que destas cinco escolas, quatro eram privadas? Porque há um maior rigor, uma maior exigência e um enquadramento das pessoas onde essa exigência é geral, não é sectorial.

Quando nós fizemos esta iniciativa das secundárias, também fomos buscar as três escolas daqui. Dissemos-lhes que não quisemos esquecer o concelho de Loures. Mas dissemos

agradável trabalhar"

que "você têm que melhorar".

P - A Hovione tem tentado uma aproximação à comunidade?

R - Sempre tivemos uma preocupação com o meio onde nos inserimos. Sempre tivemos uma boa relação com os Bombeiros Voluntários de Loures.

Começámos a fazer um Open Day para os vizinhos, eles vieram e nós mostrámos em pormenor os nossos sistemas de segurança, como é que fazemos, como evitamos os acidentes, como é que os antecipamos.

E eles foram mais tranquilos.

Começa-se a criar um relacionamento, uma ligação. As pessoas perceberam, entretanto, que nós não éramos aquela bomba.

P - Que dificuldades é que foram sentidas com a instalação desta fábrica?

R - Ela foi crescendo. A questão é que nós fomos crescendo. A maior parte das casas já existiam. Houve sempre uma preocupação muito grande, porque percebíamos o incómodo para as pessoas. E aí o que tivemos que fazer foi reduzir esse incómodo.

Esta abertura às pessoas é importante, até porque começamos a trabalhar 24 horas por dia.

Primeiro éramos só quinze mil metros deste lado, depois na década de 80 comprámos os terrenos



Armando Simões está na empresa desde a sua fundação

da parte de cima. Passámos a ter serviços extremamente importantes. A primeira instalação que fizemos nesse terreno foi fazer um acesso por ali e depois uma instalação para tratamento de efluentes.

P - Tocando na parte ambiental, essa terá sido uma questão que perturbou os vizinhos...

R - Quando esta fábrica veio para aqui já tinha tratamento de esgoto. Teve tratamento de efluentes industriais logo no princí-

pio. Nós estamos ligados ao collector municipal e há ainda um tanque de origem que era onde se fazia o tratamento antes de ser bombar no esgoto.

Depois houve preocupações de segurança desde o início. Os princípios de segurança fundamentais estiveram desde o princípio nesta empresa e foram evoluindo com o tempo. E hoje podemos dizer que temos um sistema de segurança muito avançado, com tarefas e responsabilidades definidas.

Nós temos médicos no trabalho desde o princípio desta empresa aqui em Loures. As pessoas que estão em contacto com produtos químicos sempre fizeram análise ao sangue de seis em seis meses, para verificar se há alterações.

P - Como é que define a Hovione?

R - Não gosto daquelas expressões de "empresas de sucesso" ou de "empresa modelo". Não é uma empresa modelo porque estamos sempre a tentar melhorar. Eu digo que é uma empresa onde é muito agradável trabalhar desde que a pessoa participe nela, vista a camisola e entenda que um contrato existe, e nele há deveres e obrigações. A empresa proporciona que a pessoa evolua em todos os aspectos e a todos os níveis.

O que é a Hovione?

Sediada em Sete Casas, no concelho de Loures, a Hovione é uma empresa portuguesa especializada na área da ciência da saúde. A sua especialidade passa pela investigação e fabrico de produtos farmacêuticos de base.

A sua fundação remonta ao ano de 1959, pelas mãos de Ivan Villax, um investigador apaixonado pela química, que começou a trabalhar na cave da sua casa. O sucesso da investigação levou a Hovione a atingir um outro patamar, surgindo a primeira fábrica em Loures, em 1969.

A sua grande aposta foi, desde sempre, a investigação, sendo o maior investidor em Investigação e Desenvolvimento da Indústria Portuguesa Nacional.

Estabeleceu-se na Suíça, Hong Kong e Tóquio, tendo ainda inaugurado em 1997 uma nova fábrica em Macau. Emprega, actualmente, 658 empregados, 470 dos quais em Loures, que operam em três turnos por dia, os setes dias por semana, durante 24 horas.



Empresa investe na melhoria do serviço da rede eléctrica no Cadaval



A EDP Distribuição levou a cabo em Fevereiro último a remodelação integral de uma linha aérea de Média Tensão que serve, parcialmente, a sede do concelho de Cadaval e as localidades de Pêro Moniz, Martm Joanes, Vilar e Rodeio. As obras tiveram lugar no âmbito do Programa de Melhoria da Qualidade de Serviço Técnico da Rede de distribuição e envolveram um investimento de 300 000 Euros. Como resultado vai sentir-se uma melhoria na qualidade de serviço que se irá fazer sentir na diminuição dos tempos de interrupção em casos de rede perturbada e na melhoria dos níveis de tensão.

Breves...

Quercus denuncia 39 praias com água de má qualidade

A poucos dias de se iniciar a época balnear, a Quercus revela que 39 das 400 zonas balneares portuguesas tiveram uma análise má, no ano passado. A associação ambientalista diz que 26 das que receberam má nota são áreas costeiras e que treze são fluviais ou interiores. Albufeira, Almada e Vila do Bispo são as praias que apresentam melhor qualidade. As do concelho de Matosinhos estão entre as piores.

Portugal com mais casos de cancro da pele

Os países europeus assinalaram ontem o Dia Europeu do Melanoma. Uma das variantes mais malignas e mais mortais do cancro da pele, que tem ganho terreno em Portugal. Só nos últimos anos, chegam aos hospitais 800 novos casos, sendo que cerca de 300 doentes não resistem. O melanoma representa oito por cento de todos os casos de cancro, e é o mais letal de todos. Entre os principais causadores da doença está o sol excessivo, a que os portugueses se expõem todos os anos.